

# DOS PRIMEIROS ESTUDOS FRANCESES ÀS REDES: BREVE PERCURSO HISTÓRICO DAS PESQUISAS SOBRE A MORTE E OS CEMITÉRIOS – O CASO DAS ASSOCIAÇÕES DE PESQUISA

MARISTELA CARNEIRO<sup>1</sup>

O historiador é produto de sua realidade, passional diante dos fatos que se propõe a reconstruir. Buscar “verdades” não é papel da história, mas, antes, analisar e produzir verdades subjugadas aos limites das pesquisas históricas e influenciadas pela realidade vivida pelo historiador. Destarte, o discurso que produzimos não é definitivo e/ou fechado; ao contrário, reside na construção e busca de possibilidades, hipóteses de abordagens ligadas às suas preocupações específicas, sem visões acabadas na construção da análise.

Inspirados por Michel de Certeau, em “A Escrita da História”, afiançamos que buscar o diálogo com os mortos é o que todos fazemos: buscamos, honramos e sepultamos os mortos através da história. De acordo com o autor (1982:13-14), a história moderna ocidental começa efetivamente com a diferenciação entre o presente e o passado. Ao fazer “falar o corpo que se cala”, pela intermediação dos documentos e pelos murmúrios do passado, o historiador vislumbra presenças dos já ausentes e também a própria “imensidão desconhecida que seduz e ameaça o saber”.

Para Certeau:

*A medicina moderna é uma imagem decisiva deste processo, a partir do momento em que o corpo se toma um quadro legível e, portanto, tradutível naquilo que se pode escrever num espaço de linguagem. Graças ao desdobramento do corpo, diante do olhar, o que dele é visto e o que dele é sabido pode se superpor ou se intercambiar (se traduzir). O corpo é um código à espera de ser decifrado. (CERTEAU, 1982:13-14)*

Este código à espera de decodificações define-se a partir do século XVII, quando o corpo transforma-se em extensão, “em interioridade aberta como um livro, em cadáver mudo exposto ao olhar” (CERTEAU, 1982:15), originando uma medicina e uma historiografia modernas que nascem quase simultaneamente da

---

<sup>1</sup> Mestranda em Ciências Sociais Aplicadas pela Universidade Estadual de Ponta Grossa, Paraná, sob a orientação do Prof. Dr. José Augusto Leandro. E-mail: <maristelacarneiro86@gmail.com>.

clivagem entre um sujeito supostamente letrado e um objeto supostamente escrito de forma codificada.

Neste processo de clivagem, a historiografia se transforma e interage, em razão das novas fontes e abordagens, das diferentes possibilidades e imperativos, em comunhão com as diferentes necessidades de orientação temporal da sociedade. Dentre os plurais territórios de investigação e linhas de pesquisa histórica, destacamos as convergências que nos levam à “História da Morte”, beneficiada, especialmente a partir da década de 1950 <sup>2</sup>, com o desenvolvimento da demografia e do estudo das mentalidades, duas componentes essenciais da chamada “Nova História” (LEBRUN, 1993:564).

O alargamento da demografia representou a exploração de fontes e temas pouco abordados, tendo ampliado de modo notável o conhecimento sobre a família livre e a escrava, sobre a criança e a mulher, sobre as relações de sociabilidade e, em especial, acerca das taxas de mortalidade e possíveis conseqüências (LEBRUN, 1993:564). Os primeiros “historiadores da morte” evidenciaram o papel determinante da mortalidade nas estruturas demográficas antigas, anteriores ao século XIX, em especial, Pierre Goubert, em 1952, no artigo “Em Beauvaisis, problemas demográficos do século XVII” e Louis Henry, em 1956, em seu manual “Manuel de dépouillement et d’exploitation de l’état civil ancien”.

A partir daí, os trabalhos concentraram-se no estudo conjunto ou particular da mortalidade e dos comportamentos diante da morte. Quanto ao estudo conjunto da mortalidade e dos comportamentos diante da morte, citamos François Lebrun, sobre o Anjou dos séculos XVII e XVIII, de 1971, e Alain Croix, sobre a Bretanha dos séculos XVI e XVII, de 1980. No que tange ao estudo particular da mortalidade, destacamos as monografias paroquiais de demografia histórica, multiplicadas a partir da década de 1960. (LEBRUN, 1993:564-565)

Além da demografia, o estudo das mentalidades, numa perspectiva estruturalista, incentivou o interesse na “História da Morte”. Em fins da década de 1960, a chamada “História das Mentalidades” envolveu o campo da pesquisa histórica, concentrando-se nos estudos dos diferentes aspectos das realidades culturais ou mentais

---

<sup>2</sup> Justificamos que a história da morte é situada a partir de 1950, na confluência entre Demografia e Mentalidades, por não termos notícias de estudos significativos anteriores à esta data.

e, dada sua ampla difusão, definiu-se como a principal contribuição da terceira geração dos Annales. Este fato foi determinante para a redefinição do conceito de fonte e de documento, sendo que a história passou a valorizar a memória, os comportamentos e as sensibilidades, destacando as atitudes coletivas, nas quais se busca sentido para as problematizações da contemporaneidade (REVEL, 1993: 533).

Nesse viés, em meados da década de 1970, os testamentos e a iconografia passaram a ser considerados como fontes para o estudo da morte, com a finalidade de compreender as atitudes diante da mesma, notadamente com o trabalho de Michel Vovelle (*Piété baroque et déchristianisation em Provence au XVIII siècle*), de 1973, cujo subtítulo explicita o objetivo e as fontes da pesquisa (*As atitudes diante da morte segundo as cláusulas dos testamentos*). (LEBRUN, 1993:565) Nesta obra, a história das mentalidades foi abordada através de uma metodologia quantitativa e serial, ao mesmo tempo em que resgatava de forma explícita e central “todo o aparato crítico do marxismo como ponto de apoio fundamental da explicação.” Dessa forma, Vovelle, muito inspirado em Karl Marx e Ernest Labrousse, recuperou o vínculo entre a ideologia e as mentalidades, articulados, ainda com o socioeconômico (ROJAS, 2004: 126-127), valorizando para o estudo das atitudes perante a morte as doutrinas religiosas, as filosofias morais e políticas, bem como os efeitos psicológicos dos progressos científicos e técnicos e dos sistemas socioeconômicos. (ARIÈS, 2003:304)

Ao lado de Vovelle, Pierre Chaunu também investigou os comportamentos diante da morte, através dos testamentos, em “*La mort à Paris, XVI, XVII e XVIII siècle*”, assim como Robert Favre, em “*La mort dans La littérature et la pensée françaises au siècle des Lumières*”, ambos de 1978, além de Dirk Van der Cruyssen, autor de “*La mort dans les mémoires de Saint-Simon*”, de 1981. (LEBRUN, 1993:565)

Outro autor expoente na década de 1970, também francês, no que tange aos estudos relacionados à morte é o historiador francês Philippe Ariès, estudioso do assunto desde 1948. Em suas obras “*O homem diante da morte*”, volume duplo publicado em 1977, e “*História da Morte no Ocidente*”, publicado em 1975, que reúne “*As atitudes diante da morte*” e os “*Itinerários*” do autor, de 1966 a 1975; propõe uma análise dos ritos fúnebres e das concepções de morte desde a Idade Média até nossos

dias, utilizando-se de documentações oficiais e também de manifestações culturais, como pinturas e obras literárias.

Segundo ele, as transformações do homem diante da morte são extremamente lentas por sua própria natureza ou se situam entre longos períodos de imobilidade. Assim, os contemporâneos não as percebem porque o tempo que as separa ultrapassa o de várias gerações e excede a capacidade da memória coletiva. Além disso, ao mesmo tempo em que o historiador deve estar sensível às mudanças, não pode “se deixar obcecar por elas, nem esquecer as grandes inércias que reduzem as dimensões reais das inovações.” (ARIÈS, 2003:20-25)

Situando a morte na longa duração, Ariès aponta duas perspectivas de abordagem para detectar no interior do período milenar as mudanças que intervieram e que passaram despercebidas pelos contemporâneos. A primeira, segundo ele, utilizada por Michel Vovelle, trata-se da análise quantitativa de séries documentais homogêneas, sendo um método estatístico aplicado às formas e à localização dos túmulos, aos estilos das inscrições funerárias e aos ex-voto. A segunda proposta, utilizada por ele mesmo, é uma abordagem intuitiva, subjetiva e mais global, que diz respeito a examinar uma massa heteróclita, e não mais homogênea, de documentos, tentando decifrar a expressão inconsciente de sensibilidade coletiva.

Ainda que Ariès seja um dos precursores dos estudos acerca da história da morte e uma referência habitual e mesmo obrigatória aos autores que abordaram de alguma forma a temática, a abordagem “intuitiva” que ele propõe, como mencionado, vem sendo freqüentemente criticada pelos “historiadores da morte” contemporâneos, ainda que o mesmo justifique seus posicionamentos, afirmando que parte do pressuposto de que é o inconsciente coletivo que impulsiona forças psicológicas fundamentais, quais sejam a consciência de si, o desejo de ser mais e o sentido do destino coletivo, da sociabilidade, etc. (ARIÈS, 2003:304)

Elias observa que Ariès “tentou apresentar a seus leitores um retrato vívido das mudanças no comportamento e atitudes dos povos ocidentais diante da morte” (ARIÈS, 2001:19). Todavia, segundo o autor, com o qual concordamos, Ariès limitou-se a descrever os processos relacionados aos ritos mortuários, acumulando imagens, numa perspectiva romântica. Ao contrário do que propõe, ou seja, a análise das transformações perante a morte na duração milenar, o autor acaba por contrapor o

“bom passado”, da “morte domada”, como designa a morte medieval, ao “presente ruim”, quando a morte foi interdita. Nas palavras de Ariès:

*Assim se morreu durante séculos ou milênios. Em um mundo sujeito à mudança, a atitude tradicional diante da morte aparece como uma massa de inércia e continuidade. A antiga atitude segundo a qual a morte é ao mesmo tempo familiar e próxima, por um lado, e atenuada e indiferente, por outro, opõe-se acentuadamente à nossa, segundo a qual a morte amedronta a ponto de não mais ousarmos dizer seu nome. Por isso chamarei aqui esta morte familiar de morte domada. Não quero dizer com isso que anteriormente a morte tenha sido selvagem, e que tenha deixado de sê-lo. Pelo contrário, quero dizer que hoje ela se tornou selvagem. (ARIÈS, 2003:35-36)*

Elias afirma que o autor baseou sua seleção de fatos numa opinião preconcebida e, muito embora as obras sejam ricas em evidências históricas, a seleção e a interpretação de tais evidências devem ser examinadas com muito cuidado. (ELIAS, 2001: 19) No âmbito da Teoria da História, Carlos Rojas, em “Os anales das mentalidades e da antropologia histórica: os anos de 1968-1989”, corrobora com as críticas formuladas por Elias, considerando que as obras de Ariès são o modelo de uma história autônoma, auto-suficiente e quase idealista das mentalidades. Para o autor, a evolução e as transformações das diferentes atitudes dos homens frente ao ato de morrer são remetidas às mudanças de um etéreo e indefinido inconsciente coletivo. Se não vejamos:

*Desconsidera-se completamente o contexto social geral e as mudanças materiais das sociedades que elaboraram e desenvolveram tais ou quais atitudes diante da morte, para explicá-las apenas por meio de fatores exclusivamente psicológicos, como o progresso da consciência de si, a recusa frente à natureza selvagem, ou as crenças na vida depois da morte e no mal. Modelo apoiado em uma enorme erudição fatural, mas limitado completamente por esta perspectiva, que considera as mentalidades como um fenômeno auto-explicativo e absolutamente independente de outras esferas ou processos da totalidade social. (ROJAS:2004:124-125)*

Em que pese a enorme erudição e a ampla gama de evidências históricas que Ariès demonstra em seus escritos, e que inclusive não são negadas por Rojas e Elias, o autor deixa a desejar quanto à análise da construção tanto social quanto histórica das atitudes perante a morte. A história das mentalidades, na qual Ariès se insere, pelo pretendido caráter transclassista ou universal da proposta, por vezes, esvaziou o papel fundamental do conflito de classes na esfera cultural, bem como a essencial distinção entre a cultura das classes dominantes e a cultura popular,

comprometendo, dessa forma, toda a análise possível das heterogêneas realidades amparadas sob seus pressupostos.<sup>3</sup>

Entretanto, há que se ressaltar que o campo aberto por Philippe Ariès está sendo cada vez mais explorado, em particular após a publicação em 1983 de “La mort et l’Occident de 1300 à nos jours”, de Michel Vovelle. De acordo com Lebrun, não apenas as pesquisas excederam cronologicamente para a Idade Média, como também o profícuo campo dos estudos acerca da morte deixou de ser interesse quase exclusivo dos pesquisadores franceses.

São exemplos deste crescente interesse os artigos reunidos por Joachim Whaley, em “Mirrors of Mortality. Studies in the Social History of the Death”, publicados em Londres em 1981 (LEBRUN, 1993:565), assim como a “Association for Gravestone Studies”, sediada em Greenfield, Massachusetts, nos EUA, fundada em 1977 com a finalidade de promover o estudo e a preservação das construções tumulares. Trata-se de uma organização internacional com interesse nos túmulos de todos os períodos e estilos onde, através de suas publicações, conferências, oficinas e exposições, promove o estudo dos cemitérios nas perspectivas histórica e artística, expande a consciência pública do significado histórico dos cemitérios, além de incentivar indivíduos e grupos a estudar e preservar as necrópoles. (ARAÚJO: 2006:19)

Além disso, é necessário ressaltar que os pesquisadores da morte de forma alguma se encontram restritos ao campo da história. É o caso do sociólogo alemão Norbert Elias, autor de “A solidão dos moribundos, seguido de envelhecer e morrer”, onde discute os recentes comportamentos sociais com relação à morte e ao

---

<sup>3</sup> De fato, desde o surgimento, as “mentalidades” suscitaram muitas críticas, principalmente quanto ao caráter indefinido e ambíguo do conceito, que nunca possuiu uma elaboração teórica forte e acabada, sobretudo quanto à relação que manteriam com a totalidade do social, considerando que ora reivindicava-se a autonomia explicativa do mental, ora buscava-se reconstruírem-se diferentes conexões com o social. Dessa forma, a partir de 1989, com a frustração das tentativas de implantação do socialismo real e a evidência da inviabilidade histórica do capitalismo como alternativa justa e democrática, o projeto dos annales buscava responder e superar a gama de críticas recebidas por conta da história das mentalidades, propondo, nesse sentido, uma nova história cultural do social ou uma história social das distintas práticas culturais. Destarte, o conceito de mentalidade, indefinido quanto ao social, de forma a combater as inúmeras críticas recebidas, dá lugar ao conceito de práticas culturais, que reconstrói os nexos da mentalidade com seus fundamentos sociais específicos, remete à materialidade dos processos culturais e, ainda, insiste no caráter social da cultura. A visão de diferentes práticas culturais supera a idéia das mentalidades como transclassistas. A absorção das críticas levou essa nova história cultural do social a constituir-se como uma alternativa concreta para a história do “mental” dos precedentes annales. Sobre esse assunto, ver: ROJAS, C. A. A. **Uma história dos Annales**. Maringá: Eduem, 2004.

morrer, em especial o tratamento recebido pelos moribundos na atualidade. De acordo com Almeida:

*Elias esclarece que o incômodo do ser humano, não é a morte como um fato em si, mas a consciência da certeza dela, ou seja, morrer não é difícil, o que torna penoso é saber que vai acontecer num dia qualquer e não há a possibilidade de controle sobre este evento. E se hoje nos afastamos da discussão entorno da morte decorre do fato que ela deixou de ser compartilhada no âmbito doméstico, isto é, foi segregada aos hospitais, além do mais a expectativa de uma vida mais longa adia cada vez mais a presença da morte como tema de conversa e de experiência coletiva. (ALMEIDA, 2007: 11)*

Para Elias o “recalcamento” da morte pode tratar-se tanto do plano individual quanto do social. No plano individual, por exemplo, o recalque leva à incapacidade de atender aos moribundos, visto que “a morte do outro é uma lembrança de nossa própria morte. A visão de uma pessoa moribunda abala as fantasias defensivas que as pessoas constroem como uma muralha contra a idéia de sua própria morte.” (ELIAS, 2001: 16-17) Os problemas individuais do recalcamento da idéia de morte estão diretamente relacionados com os problemas sociais específicos. Além disso, a próprias mudanças de comportamento sociais no que tange à morte são aspectos do impulso civilizador mais amplo.

Parece-nos que esse recalcamento com relação à morte que Elias refere invade inclusive os estudos nessa área, ainda tímidos. De acordo com Araújo, as poucas publicações existentes sobre os cemitérios no Brasil, foco de estudo do autor, restringiram-se ao mapeamento quantitativo de necrópoles de determinadas regiões, bem como levantamentos genealógicos, além de análises simbólicas generalizadas (ARAÚJO: 2006:15). Nas palavras do autor:

*De fato, a historiografia brasileira e rio-grandense ainda oferece pouca atenção ao tema cemiterial, provavelmente devido à idéia fantasiosa sobre o contato com sentimentos ligados à morte e suas representações funerárias. Verificamos hoje a existência de um grande preconceito perante este tipo de visitaçã, isso se deve ao fato deste hábito não estar inserido na cultura brasileira. É necessário, para essa desmistificação, que se leve em consideração a relevância histórico-cultural e artística deste espaço. (ARAÚJO: 2006:14)*

Entretanto, devido aos trabalhos de divulgação realizados pelos pesquisadores e associados à “ABEC – Associação Brasileira de Estudos Cemiteriais”, ao Grupo de Pesquisa “Imagens da Morte: a morte e o morrer no mundo Ibero-Americano” e à “Red Iberoamericana de Gestión y Valoración de Cementerios

Patrimoniales”, sobre os cemitérios e áreas afins, esta idéia está aos poucos sendo modificada através de diversas palestras e publicações voltadas ao público em geral.

A Red Iberoamericana de Gestión y Valoración de Cementerios Patrimoniales, existente desde novembro de 2000, é alimentada pelo propósito de dar a conhecer, difundir, valorizar, preservar e propiciar a apropriação social do patrimônio cultural, material e imaterial que possuem os sítios, monumentos, conjuntos e elementos de caráter funerário, assim como os usos, costumes e manifestações culturais associados a eles. (PARRA & BOTERO, 2010)

Esta associação surgiu quando da realização em Medellín, na Colômbia, do Encuentro Andino de Valoración y Gestión de Cementerios Patrimoniales, por iniciativa da Fundación Cementerio de San Pedro, da Cátedra UNESCO de Gestión Integral del Patrimonio en centros históricos e do Museo de Antioquia. Buscando-se refletir e analisar os mecanismos de propriedade, gestão e restauração dos cemitérios, este primeiro encontro propiciou a criação da Red Latinoamericana de Cementerios Patrimoniales, atualmente denominada Red Iberoamericana.

O grupo de pesquisa “Imagens da Morte: a morte e o morrer no mundo Ibero-Americano”, vinculado à Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO, trata-se de um grupo de pesquisadores que buscam analisar, discutir e intercambiar pontos de vista sobre a morte, o morrer e o além-túmulo no mundo Ibero-Americano, ao longo do tempo, na perspectiva interdisciplinar. Conforme diretório dos grupos de pesquisa no Brasil, ainda que fundado no início deste ano, este grupo congrega pesquisadores que já há algum tempo vêm se encontrando e/ou trocando experiências, participando de eventos comuns, com destaque para as edições do já consolidado “Congreso Latinoamericano de Ciencias Sociales y Humanidades: Imágenes de la muerte” (2004: Lima/Peru; 2006: Mérida/México; 2008: Bogotá/Colômbia; 2010: Niterói/Brasil). Atualmente, o grupo é coordenado pela pesquisadora Cláudia Rodrigues, autora dos livros “Lugares dos Mortos na Cidade dos Vivos” e “Nas fronteiras do além: a secularização da morte no Rio de Janeiro”.

Diferentemente das redes de pesquisadores cemiteriais, os congressos “Imagens da Morte” vêm se apresentando como um espaço acadêmico de atuação dos tanatólogos em busca de discussões mais gerais acerca da morte e do morrer na América



Latina, numa perspectiva complexa e interdisciplinar. Trata-se de um dos poucos espaços voltados à discussão mais ampla da temática da morte latinoamericana em suas diferentes disciplinas, abordagens e temporalidades, conforme consta do Caderno de Programação e Resumos do IV Congresso Latino-Americano de Ciências Sociais e Humanidades – Imagens da Morte.

Por sua vez, a ABEC – Associação Brasileira de Estudos Cemiteriais foi fundada em 2004, durante o primeiro encontro nacional, em São Paulo, e ainda esteve reunida em 2006, em Porto Alegre/RS, em 2008, em Goiânia/GO e, em 2010, em Piracicaba/SP. O quinto encontro está agendado para outubro do corrente ano em Salvador/BA, quando aos associados da ABEC estarão reunidos os pesquisadores da RED. O principal sucesso destas organizações, associações, é a divulgação dos estudos e das publicações cemiteriais e afins e a possibilidade de preservação do acervo destes “museus a céu aberto”.<sup>4</sup>

Os cemitérios já fazem parte dos roteiros históricos de visitação em diversas regiões turísticas do mundo, como por exemplo, o cemitério Père-Lachaise, em Paris, na França e o cemitério de La Recoleta, em Buenos Aires, na Argentina. Nesses, são identificados elementos que demonstram a história social e artística destas regiões, através da estatuária, das obras arquitetônicas, dos epitáfios e dos símbolos encontrados e analisados nos túmulos, valorizando e exaltando a preservação desse imenso patrimônio público, que ficaram conhecidos como “museus ao céu aberto”. (ARAÚJO: 2006:15)

No Brasil, o primeiro estudo mais significativo sobre cemitérios é de Clarival Valladares, qual seja “Arte e Sociedade nos Cemitérios Brasileiros”, publicado em 1972, no qual o autor faz um levantamento dos principais cemitérios nacionais e suas esculturas, sobretudo em São Paulo e Rio de Janeiro, indicando um viés sociológico sobre as obras contidas nas necrópoles.

Entretanto, são mais comuns os estudos que se referem à análise individual de cemitérios específicos, de determinadas regiões. O estudo mais significativo produzido no Rio Grande do Sul é a dissertação de mestrado em História de Harry Rodrigues Bellomo, intitulada “A Estatuária Funerária em Porto Alegre”, defendida em 1988 na PUCRS, na qual analisa a produção da estatuária funerária em

---

<sup>4</sup> Expressão comumente utilizada pelos cemiteriais.

Porto Alegre através dos ateliês e dos artistas, suas influências européias em relação ao contexto positivista, onde cria um inventário tipológico da escultura funerária. Faz-se pertinente apontar também a publicação da obra organizada por Bellomo “Cemitérios do Rio Grande do Sul: arte, sociedade, ideologia”, publicada em 2000 e reeditada em 2008.

Podemos afirmar que Bellomo é em grande medida responsável por semear o interesse pela pesquisa cemiterial em Porto Alegre/RS, Brasil, pois durante os vários anos de pesquisa a que tem se dedicado constituiu em torno de si um grupo de demais pesquisadores. Dentre estes, podemos citar Tiago Nicolau de Araújo, autor do livro “Túmulos Celebrativos de Porto Alegre: Múltiplos Olhares sobre o Espaço Cemiterial (1889-1930)”, e Kate Fabiani Rigo, responsável pela fundação do “Grupo Cemiterium: Teatro e Pesquisa”, em 2006. O objetivo inicial da fundação deste espaço era conscientizar os alunos sobre a importância do cemitério como patrimônio histórico, artístico e cultural, porém, na sequência o grupo incorporou a prática de técnicas cênicas ao estudo e a pesquisa cemiterial.

O trabalho da historiadora Maria Elizia Borges, “Arte funerária no Brasil (1890-1930): ofício de marmoristas italianos em Ribeirão Preto”, publicado em 2002, é voltado à produção da estatuária funerária no Brasil, no qual a autora analisa mais especificamente o trabalho dos marmoristas italianos na região de Ribeirão Preto, no estado de São Paulo. Atualmente Maria Elizia é a presidenta da ABEC e vice-presidenta da Red. Além dos diversos artigos publicados, orientação de demais pesquisadores na área cemiterial e afim, bem como a manutenção do sítio “Arte Funerária no Brasil”, a autora recentemente publicou “Estudos Cemiteriais no Brasil - Catálogo de Livros, Teses, Dissertações e Artigos”, juntamente com Alcineia Rodrigues dos Santos e Laryssa Tavares Silva Gomes.

Portanto, no decorrer da última década o que podemos verificar é efetivamente uma ampliação do campo de pesquisa cemiterial, havendo um aumento significativo do interesse no estudo e divulgação do tema relacionado à morte e às práticas fúnebres. Prova disso são as diversas publicações e pesquisadores enumeradas no Catálogo e associados à ABEC, à RED e ao Imagens da Morte.<sup>5</sup>

---

<sup>5</sup> Infelizmente, não se faz possível que nos debruçemos neste momento sobre tais publicações, bem como indiquemos todos os pesquisadores envolvidos com a temática. Nosso interesse é indicar a ampliação do interesse, indicando brevemente uma amostra do que se tem produzido.

Em “Las memorias de la ABEC y los memorables cementerios del Estado de São Paulo” (BORGES, 2010:02), com o objetivo de registrar e compartilhar as memórias da associação, Maria Elizia Borges pontua que a iniciativa de fundação nasceu dos seus primeiros encontros com o geógrafo Eduardo Coelho Morgado Rezende, pois ambos tinham certo conhecimento acerca da existência da “Red Latinoamericana de Cementerios Patrimoniales” e da “Association For Gravestone Studies”.

Os pesquisadores viram a necessidade de propiciar o encontro dos sujeitos que estudavam cemitérios e temáticas afins nas mais diversas áreas do conhecimento humano e social. Faz-se pertinente apontar que Eduardo Rezende também tem diversas publicações na área cemiterial, como “Metrópole da morte, necrópole da vida: um estudo geográfico do Cemitério da Vila Formosa” e “O céu aberto na terra: Uma leitura dos cemitérios de São Paulo na geografia urbana”.

Uma leitura possível da constituição de associações de pesquisa, como a ABEC, a Red e o Grupo de Pesquisa Imagens da Morte, é tomá-las sob a perspectiva de “rede”, enquanto uma estratégia para o favorecimento do intercâmbio entre os pesquisadores, neste caso contribuindo de modo imprescindível para as pesquisas relacionadas à finitude e aos cemitérios.

No artigo “Redes sociales y de movimientos en la sociedad de la información”, Scherer-Warren (2005) se propõe a colaborar com o debate contemporâneo sobre a utilização da categoria “redes sociais” para o estudo da ação coletiva, especialmente a atuação dos movimentos sociais, no contexto da chamada sociedade da informação. A autora observa que é preciso distinguir entre “coletivos em rede” e “redes de movimentos sociais”.

“Coletivos em rede” se referem às conexões de diferentes atores e organizações que desejam difundir informações, procurar meios solidários de apoio ou estabelecer estratégias de ação conjunta. No que se refere à segunda categoria, são redes sociais complexas que transcendem organizações empiricamente definidas; conectam simbólica, solidária ou estrategicamente, sujeitos individuais e coletivos, cujas identidades se constituem em um processo dialógico. Os coletivos em rede podem ser formas solidárias ou estratégicas de instrumentalização das redes de movimentos,

virtuais ou presenciais. Scherer-Warren (2005) destaca que não definem por si um movimento social, mas fazem parte de movimentos sociais na sociedade da informação.

*En otras palabras, para comprender los movimientos sociales contemporáneos hay que tratar de entender cómo los individuos se vuelven sujetos de sus destinos personales, y cómo de sujetos se transforman en actores políticos por medio de conexiones en redes. (SCHERER-WARREN, 2005: 79)*

Scherer-Warren defende que os movimentos sociais podem se constituir em torno de legados históricos ou de raízes culturais, sendo que através de seus vários níveis de manifestação, as redes destes movimentos podem se fundamentar em diferentes temporalidades. Deste modo, mais que isso, podem ser tomadas como portadoras de historicidade, negando a idéia de que existem padrões normativos naturais, imanentes, universais e livres de pressões temporais e espaciais.

Multiformes, as redes possibilitam, portanto, a aproximação de sujeitos distintos e o diálogo da diversidade de valores e interesses e, deste modo, também possibilitam a defesa de pesquisadores plurais, interdisciplinares, que se relacionam de modo complexo, num processo no qual podemos observar o debate de temáticas transversais e a emergência de novas demandas. Nesse caminhar, verifica-se que a articulação das “redes” tende a assumir um papel essencial para a (re)afirmação da pesquisa acadêmica na contemporaneidade, a qual tem como imperativo a ampliação dos horizontes e uma leitura mais complexa de mundo.

Em síntese, esta leitura se faz possível no âmbito da pesquisa sobre a morte e os cemitérios por intermédio das associações referidas – ABEC, Imagens da Morte, Association for Gravestone Studies, Red Iberoamericana de Gestión y Valoración de Cementerios Patrimoniales, e outras, não referidas, como a “Associação dos Cemitérios Significativos na Europa”. Estas associações possibilitam o contato entre pesquisadores não somente de países diferenciados, como também de áreas de formação e temáticas de interesse múltiplas, o que favorece em larga medida o aprendizado, o aprofundamento das nossas investigações e o intercâmbio de conhecimentos.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, M. das G. **Morte, Cultura, Memória – múltiplas interseções:** uma interpretação acerca dos cemitérios oitocentistas situados nas cidades do Porto e Belo Horizonte. Tese de Doutorado em História, UFMG, 2007.
- ARAÚJO, T. N. de. **Túmulos celebrativos de Porto Alegre:** múltiplos olhares sobre o espaço cemiterial (1889-1930). Porto Alegre: PUCRS, dissertação de mestrado, 2006.
- ARIÈS, P. **História da Morte no Ocidente.** Da Idade Média aos nossos dias. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.
- BORGES, M. E. **Las memorias de la ABEC y los memorables cementerios del Estado de São Paulo.** Anais do X Encuentro Iberoamericano de Valoración y Gestión de Cementerios Patrimoniales “MEMORIA, MEMORIALES Y MEMORABLES”. Medellín, 2009.
- CERTEAU, M. **A Escrita da História.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.
- ELIAS, N. **A Solidão dos Moribundos, seguido de Envelhecer e morrer.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- LEBRUN, F. Morte. In: **Dicionário das Ciências Históricas.** Rio de Janeiro: Imago, 1993.
- PARRA, C. V.; BOTERO, D. A. B. **Cementerios Patrimoniales, espacios para el disfrute de los recuerdos.** Disponível em: <http://www.defender.org.br/cementerios-patrimoniales-espacios-para-el-disfrute-de-los-recuerdos/> ; acesso em 18/03/2011.
- REVEL, J. Mentalidades. In: **Dicionário das Ciências Históricas.** Rio de Janeiro: Imago, 1993.
- RODRIGUES, C.; ENGERMANN, C. & AMANTINO, M (orgs.). **Anais eletrônicos do IV Congresso Latino-americano de Ciências Sociais e Humanidades: Imagens da Morte.** Universo: Niterói, 2010.
- ROJAS, C. A. A. **Uma história dos Annales.** Maringá: Eduem, 2004.
- SCHERER-WARREN, I. **Das mobilizações às redes de movimentos sociais.** Revista Sociedade e Estado, Brasília, v.21, n.1, p. 109-130, jan./abr 2006.
- SCHERER-WARREN, I. **Redes sociales y de movimientos en la sociedad de la información.** In: Nueva Sociedad, n° 196, marzo-abr 2005.